



SÉTIMO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA
EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA



**História da Educação Matemática nos caminhos do
mundo digital e da democratização do conhecimento**

**A tensão intrínseca na Educação Matemática no Rio de Janeiro: O papel do
ressentimento**

**The intrinsic tension in Mathematics Education in Rio de Janeiro: The role of
resentment.**

Janile Faco de Oliveira¹

Heloisa da Silva²

Resumo

Este artigo é um recorte dos resultados de uma pesquisa de doutorado (Oliveira, 2024), que teve por intuito elaborar compreensões e constituir uma agenda de pesquisa sobre o cenário da Educação Matemática no Rio de Janeiro, a partir da perspectiva de alguns de seus pesquisadores. Consideramos a Educação Matemática como campo de investigação desde os cursos de pós-graduação. A História Oral constituiu-se como metodologia basilar no trabalho. Realizamos entrevistas com 12 pesquisadores atuantes em cursos de pós-graduação e/ou citados em investigações, memoriais e documentos da área, envolvidos com a Educação Matemática do estado do Rio de Janeiro. Neste artigo, a partir da análise das entrevistas, apresentamos uma discussão sobre a contextualização do cenário, com ênfase no ressentimento apresentado pelos entrevistados, como um dos possíveis elementos que impactaram na área no Estado. Revelaram-se tensões e ressentimentos nas interações entre pesquisadores das áreas de Matemática e de Educação Matemática. Nota-se a influência de instituições como a Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) na formação desse campo no Estado. Por fim, apresentamos como que essas disputas internas podem afetar (ou afetam) o campo da Educação Matemática no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. História Oral. Rio de Janeiro. Pós-graduação.

¹ Doutora em Educação Matemática (IGCE/UNESP). Membro do Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem). E-mail: janile.oliveira@unesp.br.

² Professora Assistente Doutora do departamento de Matemática, IGCE/UNESP. Líder do grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática (Ghoem). E-mail: heloisa.silva1@unesp.br.

Contexto e sentido sobre ressentimento

A presente pesquisa investigou Docentes do Rio de Janeiro. Alguns dos objetivos eram: a) compor um cenário da Educação Matemática no Estado do Rio de Janeiro, no âmbito de pesquisa acadêmica; b) dispor de um acervo de entrevista com os profissionais que atuam na área. Ao analisar o panorama da Educação Matemática no Rio de Janeiro, um dos aspectos que notamos foi a tensão intrínseca entre as instituições³.

Essa tensão não surge do nada; ela emerge de um ressentimento real e tangível entre os educadores envolvidos nesses ambientes. Nesse aspecto, destacamos que a referência ao ressentimento não é superficial; ela ressoa com as teorizações de Pierre Ansart sobre as dinâmicas de conflitos sociais, em que se sugere uma complexa trama de disputas ideológicas, aspirações frustradas e expectativas não atendidas. De acordo com Ansart, “Diferentemente da cólera, que designa uma reação violenta e imediata, o ressentimento implicaria a memória e seria intimamente ligado às lembranças dolorosas” (2022, p. 211). Ainda, o ressentimento é um conceito central na filosofia de Friedrich Nietzsche. Para ele, o ressentimento está na base da moral dos escravos, invertendo os valores aristocráticos e criando a dicotomia entre bem e mal. O ressentimento seria uma reação à dor e ao sofrimento, uma incapacidade de esquecer e superar mágoas (Nietzsche, 2009). Essa perspectiva é aprofundada por Max Scheler, que define o ressentimento como um autoenvenenamento psicológico, fruto de um sentimento de inferioridade e impotência, levando à construção de valores que desvalorizam aquilo que é inacessível ao sujeito ressentido (Ansart, 2022).

Já para o antropólogo René Girard, o ressentimento nasce do desejo mimético, quando o sujeito deseja o mesmo objeto que seu modelo-rival. Impossibilitado de obtê-lo, o ressentido acusa o outro de ser a causa de sua frustração. Para Kehl (2004), na perspectiva psicanalítica, o ressentimento é uma

³ Nesse caso, o termo “instituições” refere-se principalmente à Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), à Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) e ao Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Além disso, trata-se, também, dos departamentos presentes nas universidades, tanto as públicas quanto as privadas.

defesa do eu narcísico ferido, que não aceita a perda e a castração simbólica. Ele se expressa por meio da culpabilização do outro e da dificuldade de elaborar lutos.

Durante a análise das entrevistas percebemos que esse sentimento de ressentimento ecoa, faz barulho e dificulta as relações. Por esse motivo, tornou-se um tema importante ao olharmos para esse cenário. Entendemos que esse sentimento toma conta até mesmo das gerações mais jovens de docentes, que estão na ativa atualmente desenvolvendo pesquisas e trabalhando com Educação Matemática no estado do Rio de Janeiro.

Res[sentimentos]

Ao realizarmos as entrevistas com os colaboradores envolvidos, o sentimento de ressentimento se fez presente de forma recorrente, revelando-se não apenas nas palavras, mas também em suas posturas, como relatam a seguir, Mônica Mandarino⁴ e Carlos Mathias⁵, respectivamente.

Minha trajetória na UNIRIO foi marcada por solidão e desafios. Mesmo tendo grandes amigos, ser vista como a pessoa muito objetiva e lógica, por causa da minha formação em matemática, era desgastante. A competição acadêmica, especialmente entre pares no mesmo programa, era intensa e, às vezes, desanimadora. A pressão por produtividade, por publicar, por pontuar em avaliações acadêmicas, tudo isso parecia sufocar a pesquisa genuína e profunda. Como fui me acostumando a trabalhar com pesquisas de grande porte, que envolvem muitas pessoas e levam tempo para coleta e análise de dados, esse tipo de pressão era quase insuportável. Pesquisas desse tipo foram ficando cada vez mais difíceis de realizar e escassas em um ambiente que valoriza a quantidade sobre a qualidade. (Oliveira, 2024, p. 179)

No entanto, politicamente, existia uma antipatia entre os professores de Matemática Pura e os Educadores Matemáticos. Muitas vezes, eram feitas piadas desdenhosas, como "coisa de pedagoga" ou "matemático puro sem emoção", como se fossem personagens lógicos como o Spock, da série Star Trek. Esse tipo de atitude foi um desserviço para todos nós.

Então, isso ocorreu na UFRJ, na Rural, na UERJ, e inacreditavelmente, ainda acontece na UFF até hoje. Até os dias de

⁴ Mônica Cerbella Freire Mandarino, professora entrevistada, licenciada e bacharel em Matemática, mestre em Estatística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

⁵ Carlos Eduardo Mathias Motta, professor entrevistado, bacharel, mestre e doutor em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

hoje, ainda ouvimos piadas sobre pedagogos. E, pior, os colegas que se dedicam à licenciatura, que estão mais envolvidos com a Educação Matemática, estão cada um focando em seus próprios grupos. Isso dificulta nossa capacidade de avançar e nos unirmos para promover mudanças. (Oliveira, 2024, p. 159)

Esse pode ser um dos fatores que levaria a um ambiente educacional carregado, em que as tensões entre as instituições refletem e exacerbaram os desafios enfrentados pelos profissionais da Educação Matemática.

Ao refletir sobre a fala dos entrevistados nesta tese, percebemos que havia questões que traziam um sentimento de ressentimento e que eram, também, carregado de muitos significados que tornam o campo da Educação Matemática do Rio de Janeiro um caso particular. Perceba que o cenário da área no estado é composta de atores que são considerados pioneiros, grandes nomes e de referência em Matemática (e no ensino de). Os feitos em cursos de licenciatura e bacharelado em matemática são inúmeros e, ainda assim, são poucos, ou quase nulos, os cursos de mestrado e doutorado voltados especificamente para a Educação Matemática.

E, embora não fosse o nosso propósito dessa pesquisa escolher uma definição de ressentimento que se encaixasse perfeitamente ao que acontece nas instituições no Rio de Janeiro, é importante trazer à superfície como essas questões podem ter afetado a evolução dos cursos que poderiam ser referência nos dias atuais. A exemplo disso, temos o caso da Universidade Santa Úrsula, que possuía um programa bem elaborado, com participação de nomes internacionais importantes para a Educação Matemática e que serviram para alavancar o campo nesse estado, como apontam João Bosco Pitombeira⁶, Lilian Nasser⁷ e Flávia Soares⁸.

⁶ João Bosco Pitombeira Fernandes de Carvalho, professor entrevistado, Engenheiro Civil pela Universidade Federal do Ceará, mestre e doutor em Matemática pela Universidade de Chicago – Estados Unidos.

⁷ Lilian Nasser, professora entrevistada, licenciada, bacharel e mestre em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorada em Educação Matemática pela University of London, Inglaterra.

⁸ Flávia dos Santos Soares, professora entrevistada, licenciada e bacharel pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Matemática e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No Rio, foi um nascimento mais tardio e, dentro de universidade, a primeira tentativa de passar da ação, ou seja, de trabalhar com o professor visando dar uma formação melhor para esse professor surgiu na Santa Úrsula. Nela, inicialmente, tratava-se de um curso de pós-graduação Lato Sensu para professores de matemática, e isso foi por volta de 1993, ou antes, não me lembro. Esse curso despertou um interesse muito grande, havia muitos alunos. Ele era o único curso de pós-graduação Lato Sensu na época, na área de Educação Matemática e Ensino de Matemática. O curso funcionava no Colégio de Aplicação da Santa Úrsula, no Largo do Machado, ao lado da igreja. Inclusive, fui um dos docentes desse curso durante vários anos. Eu ensinei Álgebra Linear e Geometria, as turmas eram sempre grandes, 15 a 20 alunos. Funcionava bem. Isso entusiasmou as pessoas, principalmente a Estela [Kaufman], a dar um passo além e criar uma pós-graduação Stricto Sensu, um mestrado, e ela convenceu a Universidade Santa Úrsula a bancar o curso. Foi feito um estudo de viabilidade econômica e a dificuldade na época era a falta de pessoal qualificado. Digamos que os professores da época, nenhum deles tinha formação específica em Educação Matemática. (Oliveira, 2024, p. 75)

Aconteciam esses eventos, até que a Estela Kaufman convidou professores de Israel. O Abraham Arcavi conheci lá na Santa Úrsula, a Rina também veio. Esses professores vinham, davam palestras, cursos, e a gente assistia. [...] Fiz muitos entrosamentos entre os grupos por conta disso. Então, acho que a Santa Úrsula teve um papel fundamental na criação da Educação Matemática no Brasil, não só no Rio. (Oliveira, 2024, p. 222)

Certamente, o Programa da Santa Úrsula aqui no Rio de Janeiro é realmente o Programa de referência, eu não vou saber te dizer quanto tempo ele durou, mas certamente é o Programa que a gente tem de início da pós-graduação no Rio de Janeiro em termos institucionais. Não tenho notícia de outro Programa, nem linha de pesquisa. (Oliveira, 2024, p. 56)

O fim do programa nessa instituição reflete, em partes, como o ressentimento dos educadores pode afetar toda uma área de pesquisa em determinada região, tanto no momento presente quanto no futuro. Tais ressentimentos, muitas vezes frutos de disputas por poder e prestígio, podem ter impactado negativamente o desenvolvimento de cursos e programas promissores, como parece ter sido o caso na Universidade Santa Úrsula, como pontua Victor Giraldo⁹.

⁹ Victor Augusto Giraldo, professor entrevistado, bacharel em Matemática, mestre em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Engenharia de Sistemas e Computação pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE).

Sobre a Santa Úrsula, eu acho que ela, na verdade, foi um dos primeiros Programas de pós-graduação em Educação Matemática. Se eu não me engano, começou na década de 1980, eu não me lembro o ano. Mas eu acho que quando começou, talvez tenha sido cedo demais, já que nesse início o Programa sofria tanto um preconceito da Matemática quanto da Educação e ficava em um lugar ruim, jogada no meio. Na Santa Úrsula tinha muita gente boa e era um Programa que trazia gente de fora. Tiveram várias pessoas importantes daquela época que vieram para cá como professores visitantes. E tinha gente boa, que produzia, mas que teve dificuldades. Mas demorou muito para ser credenciado na CAPES como Programa de pós-graduação, e, quando finalmente conseguiu, acabou com problemas financeiros. (Oliveira, 2024, p. 95)

É pertinente refletir sobre as possíveis consequências para o cenário educacional do Rio de Janeiro, caso a Universidade Santa Úrsula tivesse dado continuidade ao desenvolvimento do seu Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. É notório que essa instituição foi responsável pela formação de grande parte dos educadores matemáticos do estado, desempenhando um papel de destaque na qualificação de profissionais que, anteriormente, parece que não se debruçavam sobre as questões específicas desse campo. A Universidade Santa Úrsula foi pioneira ao possibilitar que profissionais, antes envolvidos mais com questões de Matemática Pura, passassem a enxergar a Educação Matemática com maior profundidade, reconhecendo-a como um campo de pesquisa relevante.

Há de se considerar, de acordo com o relato dos entrevistados desta tese, que há uma sensação de ressentimento pela forma como os docentes foram desligados e como foi associado, posteriormente, à figura de Elon Lages Lima, como explica João Bosco Pitombeira:

A reitora até tentou salvar o Programa convidando o professor Elon Lages de Lima para ser coordenador, foi aí que a Estela [Kaufman] entendeu que ela não era mais coordenadora, Elon Lages Lima era agora o coordenador.

A reitora chamou o novo coordenador sem consultar ninguém, o mínimo de dignidade esperado era que ela falasse com a Estela [Kaufman]. Acho que a reitora acreditava que o Elon [Lages], com renome nacional, diretor do IMPA, prestígio matemático, conhecido etc., iria levantar o Programa, o que era totalmente impossível, baseando-se nas circunstâncias da Universidade. A Universidade não tinha mais a mínima condição de se manter. Outro exemplo que aconteceu, a Janete [Frant], em uma reunião de professores, criticou a reitoria, e quando ela saiu para um Congresso em Tóquio, soube

de lá, por meio de um telegrama, que estava demitida. Um absurdo. (Oliveira, 2024, p. 79)

Diante disso, ficam os questionamentos: O que teria acontecido caso o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Santa Úrsula ainda existisse? Quais impactos na formação dos docentes no Rio de Janeiro?

Obviamente, não há uma resposta para esses questionamentos, mas podemos especular que, no mínimo, haveria um conjunto maior de docentes pesquisando sobre Educação Matemática e, consequentemente, abrindo espaço para novos cursos de doutorado e mestrado na área.

Ademais, é necessário ponderar que o encerramento das atividades dessa instituição não pode ser atribuído unicamente às disputas institucionais e aos seus ressentimentos. Cabe refletir que, por se tratar de uma iniciativa privada, há o aspecto da monetização dos cursos oferecidos, em um contexto no qual a lógica mercantil por vezes se sobrepõe às questões ideológicas, e a sustentabilidade financeira acaba se tornando um fator determinante para a manutenção de qualquer curso, inclusive daqueles voltados para a formação docente, de acordo com as falas de João Bosco Pitombeira e Janete Bolite¹⁰.

Por exemplo, o caso da demissão da Estela [Kaufman], que soube que não era mais a coordenadora do Programa pela assessora da reitoria quando tentava falar com a reitora. Foi quando o Programa entrou em crise, a falta de dinheiro, não só o Programa, mas toda a Universidade, devido aos desmandos da reitora, que era uma bióloga, então, todo o dinheiro da Universidade era canalizado para a área de Biologia. Eles tinham um prédio separado, tinham microscópios eletrônicos, tinham um navio de pesquisa, tudo. Coleções de livros. O lucro da Universidade, que podia ser usado para melhorar os Programas, era usado unicamente para a área de Biologia. Com esses desmandos financeiros a Universidade entrou em crise. (Oliveira, 2024, p. 78 - 79)

Eu fiquei na Santa Úrsula até, mais ou menos, a metade do ano 2000, quando saí, por conta de não pagarem, e, obviamente, porque eu era a que falava na frente da assembleia. Eu estava no Congresso no Japão e recebi a mensagem que fui mandada embora. Eu já imaginava, pois quando fui liderar a assembleia, eu já sabia, porque costuma ser assim em universidade particular. Mas

¹⁰ Janete Bolite Frant, professora entrevistada, licenciada em Matemática, especializada em Educação Matemática pela USA e doutora em Educação Matemática pela New York University.

tinha o aval da reitoria e da direção para representar a Universidade. (Oliveira, 2024, p. 119)

Essa realidade suscita uma reflexão crítica acerca dos desafios enfrentados pelas instituições de ensino superior privadas na promoção de uma formação de qualidade, especialmente em áreas como a Educação Matemática, que muitas vezes ficam na sombra das áreas consideradas mais importantes, como a Matemática Pura. O caso da Universidade Santa Úrsula evidencia que alguns aspectos de ordem institucional, aliados ao ressentimento do seu corpo docente, podem ter contribuído para o fim de um curso que viria a ser promissor no cenário do Rio de Janeiro.

Segundo Ansart (2022), o ressentimento é um sentimento duradouro de rancor e hostilidade, ligado a uma sensação de impotência, que se manifesta por meio de emoções, compondo manifestações políticas. Essa concepção pode nos ajudar a compreender as tensões e os conflitos que emergem nos departamentos universitários a partir de ressentimentos acumulados por grupos que se sentem negligenciados ou injustiçados. Nesse ponto, entramos nos aspectos que se referem à SBM e à SBEM, uma vez que há uma tensão acumulada, e nem um pouco velada, entre essas duas instituições.

Apesar das diferenças em suas nomenclaturas, ambas as sociedades parecem se dedicar, em alguma medida, ao Ensino de Matemática. No entanto, as diferenças de enfoque de cada uma delas parecem gerar tensões e disputas entre as duas sociedades, especialmente no que tange às concepções sobre o ensino de matemática e às políticas educacionais. Além disso, para os docentes do Rio de Janeiro, há uma forte associação entre a SBM e o IMPA, dada a proximidade e a parceria histórica entre elas. Essa percepção pode influenciar a forma como os professores se relacionam com a SBM e com as orientações por ela emanadas. Sobre esse aspecto, Carlos Mathias, discorre sobre suas percepções, enquanto docente envolvido com questões relativas à Educação Matemática.

Acredito que uma das principais razões para a inibição da Educação Matemática no Rio de Janeiro é o IMPA. Certamente, esse é um fato evidente, pois não falo apenas do IMPA, mas também da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM). Na verdade, meu departamento é composto, em sua maioria, de pessoas ligadas ao IMPA e membros

da SBM. Infelizmente, alguns podem pensar que estou sendo parcial ao mencionar isso, mas minha intenção é destacar que o IMPA sempre defendeu uma visão específica.

Por exemplo, quando o IMPA critica, costuma fazê-lo em relação à qualidade do ensino. Para eles, Educação Matemática é “ensino de Matemática”. Eu já discuti isso recentemente e acreditam sinceramente que o problema se resume à qualidade do ensino. (Oliveira, 2024, p. 170)

Trata-se de uma situação conflitante, pois algo que poderia ser cooperativo, plural e democrático torna-se competitivo, individualista e, muitas vezes, burocrático. No entanto, é importante enfatizar que apesar de se buscar um respeito entre o espaço que cada uma dessas sociedades ocupa, é perceptível que a SBM se importa com as iniciativas de outras instituições (que não são de Matemática Pura) voltadas para o ensino de matemática de uma forma peculiar. Não necessariamente essa organização se preocupa com a Educação Matemática ou sobre como a área está se desenvolvendo no estado, desde que a SBM seja a única envolvida com a formação dos professores. Isso, mais uma vez, reacende o sentimento de ressentimento que esses profissionais demonstram ao falarem da SBM e não necessariamente no âmbito institucional, mas que permeia as pessoas que compõem esses grupos, tanto da SBM quanto da SBEM.

Por exemplo, as iniciativas da SBM são alvos constantes das críticas da SBEM, o que faz sentido, já que essas iniciativas favorecem que a SBEM perca o espaço para ações que seriam voltadas para o campo da Educação Matemática, especificamente o impulsionamento dela no Rio de Janeiro. A exemplo dessas críticas, a OBMEP e o PROFMAT, conforme mencionam Wanderley Rezende¹¹ e Mônica Mandarino.

Atualmente, há a questão da OBMEP, que consome uma parte significativa dos recursos que poderiam ser investidos em educação, especialmente em Educação Matemática. Agora, há planos para criar um curso de graduação em matemática no IMPA, uma ideia apoiada pelo Lula. Essas são visões distorcidas que não necessariamente melhoram o ensino da matemática ou a Educação Matemática. São mais desafios que encontramos dentro da própria instituição.

¹¹ Wanderley Moura Rezende, professor entrevistado, licenciado, mestre em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Educação Matemática pela Universidade Santa Úrsula e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo.

Acredito que se tivéssemos conseguido mobilizar as instituições públicas para o movimento de Educação Matemática, como ocorreu em São Paulo e outros polos, teríamos aproveitado um momento crucial de crescimento e efervescência na área. Agora, a disputa é mais acirrada. (Oliveira, 2024, p. 144)

A Olimpíada Brasileira de Matemática para Escolas Públicas, OBMEP, foi uma iniciativa da SBM que, apesar de ter seus méritos, considerei equivocada em certos aspectos, especialmente por envolver muito dinheiro público. Na época, com tantas outras prioridades e projetos sendo apresentados ao MEC, eu não consegui entender o porquê de darem prioridade a um projeto que visava à competição e não à formação. Vários outros bons projetos não foram aprovados por conta do alto custo da OBMEP. Mesmo que tenha feito diferença em muitas escolas, a maneira como foi implementada e a forma como os fundos foram alocados ainda me parece controverso. (Oliveira, 2024, p. 178)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além das questões de ordem prática, como o fortalecimento da SBM, com apoio do IMPA, e até mesmo questões financeiras que envolvem os projetos alavancados por ela, devemos entender como o ressentimento dos educadores, pode gerar ainda mais entraves para o desenvolvimento dessa área. Durante a entrevista, Agnaldo Esquincalha¹² pontua que:

As críticas não vêm da instituição SBEM em si, mas das pessoas dentro dela. Percebo um movimento constante de reclamação sobre a SBM ocupar um espaço que não deveria, mas sem uma ação correspondente da SBEM para mudar essa situação. Isso não é produtivo. Precisamos de menos competição e mais colaboração, trabalhando juntos para melhores resultados. (Oliveira, 2024, p. 206)

O depoimento de Agnaldo evidencia a necessidade premente de um diálogo construtivo e de uma cooperação efetiva entre a SBEM-RJ e a SBM. Para ele, seria interessante que essas duas instituições, que desempenham papéis importantes no desenvolvimento da Educação Matemática no estado, superassem as críticas e os ressentimentos mútuos, muitas vezes, manifestados por seus membros, e

¹² Agnaldo da Conceição Esquincalha, professor entrevistado, bacharel em Matemática pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mestre em Modelagem Computacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e doutor em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

buscassem estabelecer uma agenda comum em prol do avanço da Educação Matemática.

Com certeza, em um mundo ideal, ao invés de disputar espaços e competir por protagonismo, ambas poderiam unir esforços para compartilhar conhecimentos e experiências, e trabalhar conjuntamente para enfrentar os desafios que se impõem à formação de professores e à melhoria do ensino-aprendizagem da Matemática no Rio de Janeiro. Aparentemente, por meio de uma postura colaborativa, pautada pelo respeito mútuo e pela busca de consensos, seria possível superar entraves, potencializar os resultados e construir um cenário mais promissor para a Educação Matemática. Sobre isso, Agnaldo relata:

Existe uma percepção recorrente de que, em tentativas de articulação, a SBEM geralmente sai em desvantagem. Isso pode estar ligado ao fato de que a SBM tem um poder político gigante. A SBM não só é a coordenadora acadêmica do PROFMAT, mas também detém capacidade científica significativa, no sentido da influência, possui sede física própria e também opera como uma empresa com CNPJ. Ela também tem um forte vínculo com o IMPA e gera receita por meio da venda de livros.

Por outro lado, a SBEM não tem a mesma inserção política na educação brasileira. Dentro da SBEM, que me integrei como sócio em 2002 durante a graduação, observei uma postura crítica em relação às iniciativas da SBM. Por exemplo, quando o PROFMAT foi criado, muitos na SBEM o viram como uma usurpação de seu espaço, mas não vi um movimento paralelo da SBEM em resposta. (Oliveira, 2024, p. 205-206)

É preciso dizer que toda essa ideia parece uma utopia, e que não é de uma hora para outra que a mudança entre as mentalidades pode ocorrer, ou até mesmo os ressentimentos vão se dissipar e, instantaneamente, duas instituições irão colaborar mutuamente para a promoção do campo de pesquisa em Educação Matemática. É visível a necessidade de promover as questões que tangem a Educação Matemática no Rio de Janeiro, e cabe refletir até que ponto a SBM precisa intervir em questões relacionadas ao ensino-aprendizagem de matemática.

Há uma percepção de que os projetos da SBEM perdem espaço, verba e protagonismo quando colocados em oposição à SBM. E, aqui, validamos todo o sentimento de ressentimento que surgiu dos profissionais que atuam na Educação Matemática. Essa tensão entre os Educadores Matemáticos e os Matemáticos

Puros é tão factível que implica até mesmo na nomenclatura dos programas, como pontua Victor Giraldo.

O grupo de matemáticos não queria o nome Educação Matemática, eles queriam Ensino de Matemática, porque, na concepção deles, este segundo sinalizava um foco maior no conteúdo matemático. É fato que a Educação Matemática envolve várias outras questões, que, na época, eles não consideravam relevantes. (Oliveira, 2024, p. 90)

Por conseguinte, retomo as ideias de Ansart acerca do ressentimento e reforço que esse sentimento pode afetar negativamente as relações interpessoais, a colaboração e a comunicação eficaz entre os membros de uma organização ou comunidade. Em termos psicológicos, o ressentimento pode levar a uma fixação em eventos passados e a uma incapacidade de seguir em frente, impactando a saúde emocional e até física dos indivíduos, nesse caso, o impacto tende a ressoar sobre a Educação Matemática, seus agentes e aqueles que querem desenvolvê-la no estado do Rio de Janeiro.

Referências

- Ansart, P., & das Graças, M. (2022). História e memória dos ressentimentos. *EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade*, 3(5), 209-232.
- Garnica, A. (2007). Um ensaio sobre História Oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. *Quadrante*, 16(2), 27-50.
- Salvador, M. F. M., & Villela, L. M. A. (2012). *Uma História de Paixão: Estela Kaufman Fainguelernt e o Ensino da Geometria* (Doctoral dissertation, Tese de Mestrado Profissional em Educação Matemática não publicada, Universidade Severino Sombra, Vassouras, RJ, Brasil).
- Gomes, M. L. M. (2010). História da Educação Matemática: a propósito da edição temática do BOLEMA. *Bolema-Boletim de Educação Matemática*, 23(35A), vii-xxvii.
- Kehl, M. R. (2004). *Ressentimento*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, J. F. (2024). A Educação Matemática no estado do Rio de Janeiro: cenários, perspectivas e uma agenda de pesquisa. (Tese Doutorado em Educação Matemática). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- Nietzsche, F. (2009). Genealogia da moral: uma polêmica (PC Souza, trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.